
Manufatura, artesanato e mercado em Caxias: um período de formação (1890-1910)

*Marcia Sanocki Stormowski**

Resumo: Este artigo é parte de pesquisa mais ampla e tem como objetivo conhecer as características da produção artesanal-manufatureira no início da formação de um mercado na ex-Colônia Caxias, através da análise de livros de impostos e da legislação orçamentária municipal. A questão mais ampla se refere às possibilidades de estabelecimento e reprodução social dos imigrantes. Os crescimentos produtivo e comercial ficam evidentes nos livros de impostos, com produção voltada, sobretudo, para o mercado local. Os dados não coincidem com a imagem dicotômica entre um mundo rural agrícola *versus* urbano industrial e comercial. Apesar do crescimento, a economia se caracterizava por certa instabilidade marcada por constantes mudanças de ocupação dos imigrantes, que combinavam atividades artesanais e agrícolas no esforço por se estabelecerem com suas famílias na localidade.

Palavras-chave: colonização, desenvolvimento, mercado.

Abstract: This article is part of a wider research, and it wants to know the characteristics of the artisan production in the beginning of the market formation in the colony Caxias, through the analysis of the taxes books and of the municipal budget legislation. The widest subject refers to the establishment possibilities and the immigrants' social reproduction. The productive and commercial growth appears in the books of taxes, with production to the local market. The data don't coincide with the image separate among a world agricultural rural *versus* industrial and commercial urban. In spite of the growth, the economy was characterized by certain instability, by the constants changes of the immigrants' occupation; they combined craft and agricultural activities, for they establish with their families.

Key words: colonization, development, market.

* Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail:* marciaski@ibest.com.br

A história permite desvendar os mundos passados por meio de uma diversidade imensa de questões e métodos de análise das fontes, de modo que mesmo temas bastante explorados, como a história da colonização italiana na Serra Gaúcha, reservam questões a serem aprofundadas. Talvez a mais amplamente repetida por historiadores e por todos aqueles que têm interesse em entender o mundo em que vivem seja: como Caxias do Sul alcançou tal desenvolvimento econômico? Essa questão não se relaciona apenas a um interesse específico sobre o município, mas denota o esforço dos historiadores em compreender quais elementos estão presentes em um processo de acelerado crescimento produtivo e comercial. Não se trata de procurar por leis históricas do desenvolvimento, nem de descobrir as lições da história para o presente – numa concepção da história como “mestra da vida” – mas de aperfeiçoar nossa própria capacidade de analisar e interpretar dados da realidade e de entender as transformações como processos. Nesse sentido, estudos de caso aprimoram nossa capacidade de compreender a sociedade em que vivemos, suas potencialidades e limites.

O desenvolvimento econômico considerável de Caxias inspirou estudo de mestrado concluído na UFRGS, neste ano, cujo segundo capítulo está sendo apresentado de forma resumida no presente artigo. (STORMOWSKI, 2005). Por tratar-se do período inicial de colonização, uma questão de cunho social acompanhou o interesse pelo aspecto econômico: entender como foi possível a reprodução social de milhares de imigrantes chegados a Caxias.

A historiografia sobre os aspectos socioeconômicos da colonização italiana está centrada, sobretudo, no processo de industrialização e no desenvolvimento comercial. Com o objetivo de aprofundar esse tema, este artigo analisa a produção artesanal-manufatureira, o comércio e o incipiente processo de urbanização da ex-Colônia Caxias no final do século XIX. A compreensão das possibilidades de inserção econômica e de reprodução social dos colonos no novo país passa por essas questões.¹ As fontes utilizadas foram livros de impostos municipais e leis orçamentárias de Caxias.² Os impostos incidiam sobre as atividades mercantis – produção e comércio de mercadorias – e por isso realçam justamente esse aspecto da economia: a formação de um mercado.

Como introdução ao tema, pontuam-se alguns aspectos da revisão bibliográfica feita sobre industrialização no Rio Grande do Sul. Em seguida, analisam-se as atividades produtivas e, posteriormente, as

comerciais e de transporte da ex-Colônia Caxias, o que é feito em dois momentos: primeiramente observam-se o crescimento e a concentração rural ou urbana das atividades e, posteriormente, eventuais mudanças qualitativas. Essa segunda parte da análise da produção e do comércio combina informações dos livros de impostos e leis orçamentárias municipais, o que permite observar indícios de aumento dos investimentos e de concentração de capital em algumas atividades. Também pôde-se acompanhar algumas trajetórias de vida dos imigrantes através dos impostos pagos. Assim, este artigo se constitui em grande medida de análise das fontes e tem como objetivo conhecer as características da produção não agrícola e do início da formação de um mercado na localidade.

Interpretações sobre o início da industrialização no Rio Grande do Sul

Tendo em vista que o desenvolvimento dessa localidade não foi um processo isolado, justifica-se fazer uma breve revisão de alguns estudos que embasaram a maior parte das interpretações sobre a origem da industrialização no estado. As teses clássicas a esse respeito foram cunhadas por Limeira Tejo, Jean Roche e Paul Singer.³ Ainda que sucintamente, vale retomar algumas críticas sobretudo à interpretação de Tejo, que destaca o processo de evolução orgânica de algumas unidades artesanais até o estágio industrial. Essa interpretação enaltece o trabalho e o espírito de poupança da figura do empresário associado ao imigrante, e teve alguns seguidores como Mem de Sá e Franklin de Oliveira. Uma crítica consistente foi feita por Lagemann:

A interpretação heróica, fazendo do colono bem sucedido economicamente ou politicamente um verdadeiro “self-made-man” é perfeitamente compatível a um sistema ideologizado pela “democracia agrária”. Dentro dessa perspectiva, existe a possibilidade democrática, livre, de ascensão social. Por uma decisão individual, exclusivamente pelos próprios méritos, ultrapassam-se as barreiras da pobreza, ignorância, isolamento e da insignificância. Assim, quem teve sucesso no empreendimento merece ser

cultuado. É o culto do vencedor. Vêm daí as trajetórias imaginárias do colono de mãos calejadas rumo ao sucesso nas diferentes áreas, seja o comércio, [a] indústria, [a] política, etc. Chega-se, seguindo esse caminho, a colocar o imigrante como o civilizador, o que tudo iniciou, inclusive a industrialização. (Apud DACANAL, 1980, p. 118).

Pesavento também criticou a carga ideológica da interpretação:

Admitindo que todo empresário fora, originariamente, um colono imigrante e um artesão, a evolução linear do artesanato à indústria representava, no discurso burguês, a mais cabal demonstração da sua capacidade inovadora e do seu amor ao trabalho. Justificava-se, com isso, o sucesso e a riqueza, apresentados como merecidos e justos. (1991, p. 30).

Por outro lado, a evolução linear do artesanato para a indústria, como concebida por Tejo, foi vista por Roche como exceção, privilégio de apenas algumas unidades artesanais de centros urbanos maiores, enquanto o artesanato rural, mais afastado dos centros comerciais, teria sido aniquilado pela concorrência dos produtos importados. Com a Primeira Guerra Mundial teria tido início a industrialização, caracterizada pela substituição de importações.

Singer estudou a industrialização de Porto Alegre e desenvolveu uma interpretação radicalmente oposta à de Tejo ao destacar o papel dos comerciantes como os responsáveis pela acumulação de capital investido na industrialização. Ao mesmo tempo, se afasta de Roche ao afirmar que o artesanato foi totalmente liquidado pela concorrência de produtos importados, de modo que a industrialização teria se caracterizado, desde o início, pelo processo de substituição de importações. Essa interpretação sobre a industrialização caracteriza um desenvolvimento segregado entre a indústria e o meio urbano, e por outro lado, a agricultura e o rural. A crítica direcionada a Singer é de generalização, por não reconhecer a importância da atividade artesanal para o início da indústria. (OSÓRIO; RAMOS, 1969, p. 45).

Singer é citado em praticamente todos os estudos sobre industrialização devido à interpretação do papel central dos comerciantes e pela ênfase no processo de industrialização via substituição de

importações, que teria ocorrido no Estado desde fins do século XIX. Sua interpretação da evolução da agricultura, no sentido de romper com a produção de subsistência e desenvolver a produção comercial, também está presente em diversos estudos.

Na década de 80, surgiram importantes contribuições ao tema. Lagemann (apud DACANAL, 1980) afirmou que os setores industriais mais dependentes de exportação do estado limitavam-se às charqueadas, à indústria têxtil e a do fumo, e assinala que a indústria surgiu para suprir o mercado local “suplementando importações”. (p. 116). Desse modo, diferentemente de Singer, não destaca como um problema analítico a concorrência com produtos importados de outros estados ou países até as primeiras décadas do século XX.⁴

Alguns dos principais estudos sobre a indústria no estado foram desenvolvidos por Pesavento, que também destacou a importância da acumulação de capital comercial para a industrialização. Ressaltou diferentes formas de investimento e associação de capitais dando origem às indústrias, de modo que o capital comercial foi investido em vários ramos de atividades que não unicamente a produção industrial. A dinâmica de desenvolvimento da região colonial é determinada, sobretudo, pela sua própria constituição social e econômica.

Dentre os estudos mais recentes destaca-se de Sérgio Schneider, um estudo de caso no qual desenvolve uma interpretação inovadora sobre industrialização e agricultura familiar na região de produção calçadista do Rio Grande do Sul. O autor identificou uma dinâmica de desenvolvimento peculiar na região, onde se desenvolveu um sistema produtivo local, baseado em um processo de industrialização difusa – uma forma de industrialização específica – de áreas nas quais o modelo fordista de indústria nunca chegou a se desenvolver, preponderando um grande número de pequenas e médias empresas.⁵ Conforme Schneider (1999), “as relações de assalariamento coexistem com outras formas sociais de trabalho que integram o modo global de regulação das relações sociais de trabalho e sua reprodução ampliada”. (p. 65). O autor entende que a agricultura familiar começou a sofrer um processo de desarticulação devido ao desgaste do solo e à crescente divisão das terras por herança, além dos novos padrões tecnológicos de produção agrícola, que nem todos os agricultores conseguiam acompanhar, e a crescente absorção de trabalhadores pelas indústrias urbanas. Mas a incorporação de algumas modificações tecnológicas, além das oportunidades de trabalho

assalariado complementar realizado por alguns membros das famílias em indústrias surgidas no meio rural, contribuíram para a reprodução social dos agricultores familiares e para a continuidade da produção agrícola familiar.

as facilidades de transporte, a proximidade da moradia dos colonos com as empresas calçadistas e a existência de um amplo mercado de trabalho permitiram a combinação dos trabalhos agrícolas com o exercício de empregos não-agrícolas por parte de alguns membros das famílias dos pequenos agricultores. O assalariamento constituiu-se, neste caso, numa alternativa estratégica às dificuldades enfrentadas pelos colonos. (SCHNEIDER, 1999, p. 112).

Sob esse ponto de vista, o crescimento industrial se beneficiou do trabalho de membros de famílias de agricultores sem que isso resultasse na desarticulação econômica da agricultura familiar e sem acelerar um processo de proletarização. É válido observar que não está sendo proposto que o desenvolvimento de Caxias (anterior a 1910) tenha relação com esses modelos de industrialização, pois eles foram desenvolvidos a partir de estudos referentes às últimas três décadas do século XX e têm relação com o contexto econômico contemporâneo. No entanto, essa discussão é relevante por desenvolver elementos analíticos pertinentes para o estudo do desenvolvimento da agricultura e da indústria entre os imigrantes, em um período de formação de mercado e de relações de produção capitalistas.

A bibliografia sobre a colonização italiana, de modo geral, incorpora interpretações clássicas desenvolvidas, sobretudo, por Roche, Singer e Pesavento. Uma revisão mais detalhada desses estudos foge às possibilidades deste artigo, mas vale destacar trabalhos de Loraine Giron, Loraine Giron e Heloísa Bergamaschi, Maria Abel Machado e Vania B. Merlotti Herédia entre os de maior fôlego especificamente sobre o desenvolvimento socioeconômico de Caxias.

Desenvolvimento artesanal/manufatureiro em Caxias

O termo *indústria* referia-se, no final do século XIX, a algo diferente do que atualmente é entendido. As atividades produtivas de transformação em geral eram denominadas *indústria*, ainda que não fossem mais que unidades artesanais ou manufatureiras, como ficou evidente na descrição feita por Pesavento de produtos apresentados na exposição provincial de 1875.⁶ As poucas fábricas propriamente ditas concentravam-se em centros comerciais da província como Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e São Leopoldo e beneficiavam matéria-prima local. Em 1881 foi realizada uma exposição brasileiro-alemã, na qual aumentou o número de expositores e a variedade de produtos manufaturados e de empresas que passaram a utilizar máquinas a vapor. Vinte anos depois, em 1901, constavam produtores da Região de Colonização Italiana (RCI) entre os expositores:

Predominavam as unidades de produção doméstica, artesanais, das quais são exemplos as múltiplas cervejarias e “empresas” produtoras de vinho e banha, sem maior recurso técnico que o trabalho manual dos membros da família, auxiliados por vizinhos, às vezes, classificados como “empregados”. (PESAVENTO, 1991, p. 76).

Assim como o termo *indústria* referente ao período representava uma realidade específica, as fontes indicam que o mercado e a urbanização também apontam para uma realidade diferenciada se voltados para o final do século XIX, como será visto adiante.

Os crescimentos produtivo e comercial ficam evidentes pelo estudo de livros de impostos, que já foram utilizados em outros estudos. Giron analisou o ano de 1899.

Em 1899 a economia regional já se definira. Ainda assim havia uma dominância das indústrias de consumo, que representavam 61% da produção total. Três setores dominavam: a indústria tritícola, a indústria vinícola e a madeireira, que constituíam 60% dos estabelecimentos industriais existentes. (1977, p. 75).

No levantamento realizado acerca dos impostos desse ano, foram encontradas algumas pequenas diferenças no número de estabelecimentos produtivos em relação aos resultados listados por Giron. Contudo, sua análise resume perfeitamente a realidade indicada nos livros de impostos: uma economia essencialmente baseada em atividades agrícolas e extrativas de madeira.

O crescimento da produção local se evidencia ao mencionar apenas alguns dados. Em 1894, quase vinte anos após o início da colonização, existiam, em Caxias, 264 estabelecimentos artesanais/manufatureiros, distribuídos em 24 especialidades produtivas. Quinze anos depois existiam 564 estabelecimentos em 35 diferentes modalidades – o número de estabelecimentos produtivos mais que dobrou, acompanhado de acelerada diversificação.

Em alguns setores, as manufaturas e os artesanatos eram eminentemente rurais (foi considerada como área urbana a Sede Dante e a Sede Nova Trento), e esses serão analisados por primeiro – são serrarias, moinhos e alambiques. O livro de 1892 está incompleto, mas foi utilizado por se referir às primeiras informações sobre recolhimento de impostos em Caxias.⁷

O número de serrarias de 1894 a 1909 passou de 28 para 50. Verifica-se um crescimento considerável na década de 90 (do ano de 1800), com leve queda nos primeiros anos do século XX e recuperação do crescimento em 1909. Essa tendência de evolução, em linhas gerais, verificou-se em diversas atividades. Praticamente todas as serrarias localizavam-se na área rural, com exceção de uma em 1899, 2 em 1904 e uma em 1909. Mesmo com variações durante o período, verifica-se uma tendência clara ao seu aumento, especialmente na Décima Léguas e na Colônia Sertorina (colônia particular situada em grande parte do território do atual município de Farroupilha). Pode-se inferir que a distribuição espacial das serrarias reflete o ritmo de ocupação dos lotes, acompanhando a necessidade dos imigrantes de derrubarem o mato.

Quanto aos moinhos, mantiveram-se em torno de 70 em todos os anos da amostra (1894 a 1909). Todos se localizavam na área rural, com exceção de um em 1892 e um em 1909. Os moinhos estavam distribuídos por todo o território de Caxias, com uma concentração um pouco maior, durante todo o período, na Sertorina, Nona, Décima e Décima Sexta Léguas, incluindo as áreas demarcadas posteriormente, mais próximas ao rio das Antas. Sobre a demarcação dos lotes, veja-se Rech (1984, p. 34-57).

A produção de cachaça e de graspa era, depois da agricultura, a atividade existente em maior número de propriedades – sobre a produção de vinho não incidia qualquer imposto municipal, pelo que apenas pode-se verificar seu crescimento de forma indireta. Todos os alambiques se localizavam na área rural, com exceção de um em 1892 e um em 1909. O crescimento exorbitante de alambiques – de 36 em 1894 para 160 em 1909 – indica o aumento da produção vinícola. Apenas a minoria dos alambiques produzia cachaça de cana, enquanto a maioria produzia graspa, obtida com o bagaço de uva, o que explica por que os alambiques estavam uniformemente distribuídos pelo território de Caxias no período.

As ferrarias produziam quase tudo de que se necessitava: utensílios domésticos, ferraduras, argolas para correntes de ferro, ferramentas agrícolas e até carretas. O número de ferrarias aumentou bastante em todos os anos, mais que dobrou em 15 anos, chegando ao total de 50 no ano de 1909, mas o ritmo de crescimento diminuiu gradativamente. O maior crescimento foi no meio rural: em 1894 pouco mais da metade estava no meio rural, chegando a 80% nos dez anos seguintes. As ferrarias podem ser vistas como uma medida da intensidade do transporte, já que ferrar animais era uma das suas principais funções. Embora as ferrarias rurais estivessem relativamente distribuídas, verifica-se que a maior parte delas situava-se nas léguas cortadas pelas principais vias de comunicação de Caxias, e apenas um número diminuto se localizava nas léguas que não eram cortadas por essas estradas.

É interessante observar que a concentração de ferrarias próximas às estradas que ligavam Caxias a Bento Gonçalves (ex-Colônia D. Isabel) e a Antônio Prado equivalia e mesmo superou, no ano de 1904, a concentração dessas na estrada Rio Branco, considerada a principal via econômica da colônia por permitir a ligação com São Sebastião do Caí (a partir dali, estabelecia-se a comunicação com Porto Alegre por via fluvial). Aumenta o número de ferrarias principalmente na estrada Rio Branco em 1909, ao mesmo tempo em que surgem as primeiras na estrada Conselheiro Dantas, que seguia para os Campos de Cima da Serra. A forma como se distribuíam pelo território de Caxias mostra a importância da comunicação entre as próprias colônias italianas vizinhas, possivelmente tão intensa quanto a ligação entre Caxias e São Sebastião do Caí, ao menos até 1904. A maior concentração na estrada Rio Branco em 1909 indica o crescimento das relações comerciais com Porto Alegre.

As selarias e os curtumes representam o trabalho com couro. Seu número total mantém-se estável até 1904 (em torno de 18 unidades produtivas) mais que dobrando em 1909, o que reflete, principalmente, o aumento do número de selarias. Ao todo, 15 proprietários possuíram ao mesmo tempo selaria e curtume, alguns desses mantendo-os durante mais de um ano da amostra. Essas atividades se concentraram mais no meio rural, mas em 1909 o número de selarias urbanas suplantou as rurais. Sua distribuição pelo território foi restrita, concentrando-se na Sétima e Oitava Léguas, mais próximas dos Campos de Vacaria e de São Francisco; apenas em 1904 e, principalmente em 1909, aparecem na Primeira, Quinta e Décima Sexta Léguas e em Forqueta.

As sapatarias distribuía-se entre o meio rural e as Sedes Dante e Nova Trento, chegando a 32 em 1909, enquanto as alfaiatarias eram essencialmente urbanas, chegando a 91% de concentração urbana em 1894. O número de alfaiatarias praticamente dobrou, passando de 11 em 1894 para 21, quinze anos depois. Também eram notavelmente urbanas as atividades de marcenaria, carpintaria e olaria – cerca de 70% a 80% dessas unidades concentravam-se nas sedes.

Outro dado interessante refere-se aos açougues. O crescimento acelerado de açougues no início da primeira década de 1900 revela uma especialização dessa atividade, pois, anteriormente, diversas pessoas pagaram impostos sobre “gado abatido” para consumo público. Com raras exceções, os valores eram baixos e, de acordo com o estipulado na legislação orçamentária, indicavam a venda de duas ou três cabeças de gado. Assim, o açougue provavelmente era um estabelecimento especializado na carneação com certa regularidade na produção.

Uma regularidade que acompanha todo o período é o crescimento ocorrido em 1909 em todas as atividades, mas principalmente no meio urbano e em especial na Sede Dante (figura 1):

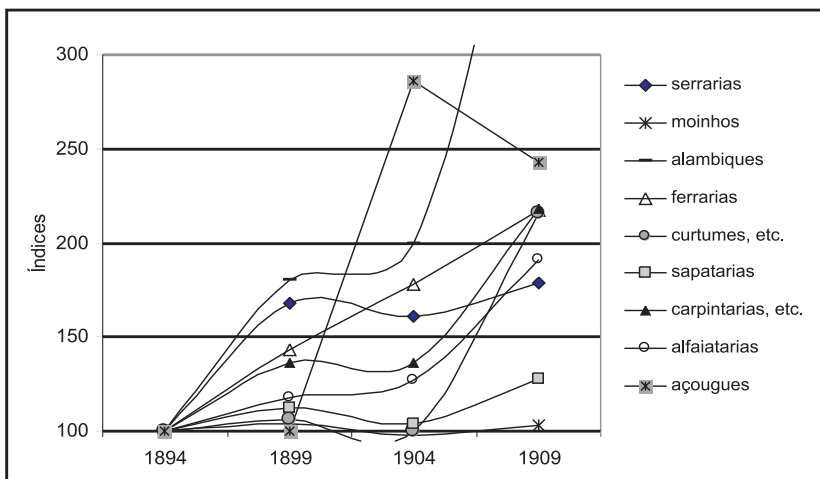


Figura 1: Crescimento das atividades produtivas

Fonte: Livros de registros de impostos municipais em Caxias. Caxias do Sul: AHMCS.

O crescimento das atividades listadas até o momento, com exceção das ferrarias e açougues, seguiu tendências muito semelhantes. Ocorreu certa estagnação e mesmo decréscimo de várias atividades no ano de 1904, o que levantou a suspeita de que pudesse tratar-se de uma deficiência da própria fonte. Porém, dados sobre açougues dissiparam essa idéia apresentando tendência contrária – caso se tratasse de um sub-registro da fonte, essa característica deveria ter seguido todas as atividades como ocorreu no ano de 1892.

Além dessas atividades, existiam 29 barbaquás em Caxias, em 1909 – instalação para secar erva-mate. Antes disso, apenas foi listada uma *fábrica de erva-mate* em 1894. O extrativismo e, já no século XX, o seu cultivo era amplamente difundido na região do Planalto gaúcho. Antes da utilização do barbaquá, a secagem da erva-mate era feita com o “carijo”, que se resumia a uma estrutura rudimentar de troncos e capim amarrados com cipó.⁸ A existência de barbaquás em Caxias mostra uma integração cultural dos imigrantes ao Rio Grande do Sul, assim como uma relação bastante diversificada com o mercado.

A maioria dos estabelecimentos dependia basicamente de matérias-primas locais, aquelas provindas do extrativismo, da agricultura e da pecuária, e voltava-se às necessidades de consumo locais. Fica claro, também, que o dinamismo do meio rural não se limitava à agricultura;

pelo contrário, crescia sobremaneira no interior das léguas o número de unidades produtivas artesanais ou manufatureiras. Novas atividades surgiram na virada do século: caldeirarias, fábricas de café, carretas, fogos de artifício, massas, salames, vassouras, também ourivesarias, tanoarias e tipografias, tanto na sede quanto no interior.⁹

Até o momento foi analisado apenas o crescimento numérico dos estabelecimentos produtivos. A participação de cada tipo de produção no conjunto das atividades produtivas, a cada ano, revela características da economia que não puderam ser percebidas antes. As ferrarias foram uma das atividades que mais cresceram e aumentaram sua participação em relação ao total até 1904, revelando ser um dos setores mais dinâmicos da produção artesanal-manufatureira local. É interessante destacar que as serrarias e os moinhos, embora tivessem crescido em números absolutos, foram os ramos que mais perderam importância numérica relativamente às demais atividades.

Com exceção dos moinhos e das serrarias, o crescimento numérico das unidades produtivas efetivamente reflete o crescimento da sua produção; no entanto, essas duas atividades iniciaram um processo de diferenciação interna. Esses dados parecem mostrar que a extração de madeira e a produção de grãos e farinha ficaram para trás na dinâmica produtiva da região. Porém, algumas pequenas mudanças qualitativas revelaram que essas atividades produtivas (em específico) apresentavam diferenciação e um importante dinamismo.

A legislação orçamentária municipal permitiu delinear um perfil dos estabelecimentos produtivos. Aprofundar essa questão exigiu uma sistematização metódica da legislação e dos dados de livros de impostos, o que não é viável expor nos limites deste artigo e, por isso, apresentam-se aqui apenas algumas conclusões.

Os moinhos geralmente tinham apenas um jogo de pedras (mó), e raros proprietários possuíam mais de um moinho – era mais comum um mesmo proprietário possuir moinho e também serraria. Embora o número de moinhos tenha praticamente se mantido o mesmo, possivelmente esse tipo de produção não diminuiu em relação ao conjunto das atividades. Pelo contrário, a atividade de moagem de grãos se concentrava cada vez mais nos maiores estabelecimentos, revelando uma dinâmica de diferenciação nesse setor.

Essa tendência também aparece entre as serrarias, nas quais, em certos anos, o fato de a produção estar voltada à venda serviu como critério de diferenciação dos valores cobrados nos impostos. Por exemplo, em 1892, quase todas as serrarias pagaram impostos baixos porque se localizavam “no interior” e porque não forneciam madeira para “construção do município”. Eram serrarias pequenas e geralmente não se especifica qual era a força-motriz. Os critérios que os administradores municipais usaram para classificar as serrarias foi primeiramente estar “no interior” e realizar venda no município (“construção do município”). Somente depois de alguns anos, passou-se a considerar a força-motriz, mas sem deixar de mencionar o mercado (“para construção do município ou exportação”). Por essa análise, cerca da metade das serrarias, classificadas durante todo o período como “interior”, era uma pequena unidade que não tinha como objetivo a produção sistemática para venda, ou seja, para o mercado. Mantinha apenas uma produção voltada às necessidades do seu proprietário ou de pessoas próximas, mas, de qualquer modo, num âmbito que não era considerado pelos administradores públicos como o mercado do município ou externo a esse. Essa diferenciação era tão importante que se refletia na distinção legal dos que faziam parte desse incipiente mercado, os quais pagavam impostos mais altos.

Desse modo, os dados permitem afirmar que o âmbito de um mercado monetarizado, ou passível de ser concebido como *capitalista*, era bastante limitado na região; por outro lado, a existência e expansão desse tipo de mercado, visível justamente em atividades mais significativas no conjunto da produção artesanal-manufatureira, não permitem caracterizar essa economia como de subsistência.

A legislação possibilita ter uma idéia do número de trabalhadores das unidades produtivas de alguns tipos de unidade artesanal pelo valor do imposto pago, registrado nos livros de impostos – alfaiatarias, ferrarias, marcenarias, selarias, sapatarias, carpintarias, funilarias, tanoarias e caldeirarias. As mudanças de critérios na cobrança dificultam comparações entre vários anos, mas permitem algumas vezes somar informações e definir um perfil da produção.

Resumidamente, pode-se afirmar que, na maioria dessas oficinas, trabalhavam até três pessoas, mas geralmente eram apenas uma ou duas. Em dois terços delas, o dono trabalhava com um sócio ou um aprendiz adulto, o que ocorria principalmente nas ferrarias, enquanto o trabalho mais individual era o de sapateiro. Provavelmente o trabalho de aprendizes

menores era bastante comum, possivelmente constituindo parte da força de trabalho da outra terça parte do conjunto dessas oficinas. O valor do imposto era baixo e pouco diferenciado para essas atividades. Assim, diferentemente do que se verificou entre as serrarias e moinhos, o aumento numérico desse tipo de unidade produtiva indica um crescimento produtivo, pois se mantiveram em um mesmo patamar de organização, sem tendência ao aumento do capital investido ou à concentração em unidades maiores. Quase a totalidade das *indústrias* de Caxias, anteriormente a 1910, era de oficinas artesanais ou, em raros casos, de pequenas manufaturas.

Ainda que com baixo grau de diferenciação, a diversificação produtiva ocorrida no final do século XIX mostra a expansão do mercado local, pois o período analisado é exatamente o de formação de uma economia de mercado nessa ex-colônia. Embora estivessem presentes em algum grau desde o final do século XIX, seria errôneo afirmar que essas características de uma economia capitalista definiam a economia e a sociedade local até 1910.

Se a economia de mercado era ainda incipiente, o processo de urbanização parecia sê-lo ainda mais. Giron (1977) analisou os Mapas Estatísticos da Colônia Caxias e constatou que 100 dos 257 homens adultos habitantes da Sede Dante, em 1884, haviam declarado outro ofício que não o de agricultor.

Isso significa que cerca de 40% dos homens tinham habilidades artesanais, 44 eram fazendeiros, brasileiros de origem, em 90% dos casos morando em São Francisco de Paula, porém adquiriram propriedades na vila, o que representa cerca de 15% dos habitantes. Os demais 45% eram, de acordo com o registro, agricultores e jornaleiros. (p. 34).

Segundo a autora, “é possível afirmar que os artesãos se estabeleceram na Sede Dante, enquanto os agricultores se estabeleceram na região rural”. Porém, o crescimento das atividades de transformação no meio rural mostrou que os artesãos não se localizaram preferencialmente na Sede Dante, mesmo que a própria forma de demarcação dos lotes, nessa área, tenha favorecido uma incipiente urbanização. Além disso, como mostrou a autora, quase a metade dos

proprietários de terrenos na Sede era de agricultores. Os dados não coincidem com a imagem dicotômica entre um mundo rural agrícola *versus* um urbano-industrial e comercial. O desenvolvimento econômico caracterizava-se pela própria diferenciação incipiente entre urbano e rural. O desenvolvimento mercantil seguiu diferentes velocidades nas áreas rural e urbana, e entre as diversas atividades.

Como comparação, Piccolo (1991) identificou, em São Leopoldo, numa ex-colônia alemã fundada em 1824, certa diferenciação entre o rural e o urbano nas últimas décadas do século XIX.

Acelerou-se o processo de urbanização sem que os aspectos tradicionais de áreas ainda eminentemente rurais se modificassem substancialmente. Os inventários correspondentes a pessoas residentes no primeiro distrito do município correspondente à sede, isto é, à cidade, revelam as transformações ocorridas num sentido de urbanização, enquanto que a ruralização é visível nos demais distritos correspondentes às áreas onde a pequena propriedade predominava. (p. 210).

Porém, no caso da Colônia Ijuí, fundada em 1890, Weber (1987) observou que a concentração urbana de determinadas atividades ainda era estrita. Em média, o número de ferrarias e funilarias existentes entre 1913 e 1933 aumentou, com algumas oscilações de um ano para outro. Esse caso parece aproximar-se mais da realidade encontrada em Caxias.

Grande parte das ferrarias localiza-se no interior, a vila só fica com 15 ou 10%. Para as funilarias a porcentagem é maior: um terço destas na vila. É bom lembrar que nesse período a população urbana corresponde a menos de 10% do total. Aqui também podemos deduzir que estamos diante de atividades exercidas pelos colonos, embora o Censo de 1920 registre 122 homens que têm como profissão principal a indústria metalúrgica. (p. 54-55).

A produção de Caxias até o início do século XX era basicamente rural, mas não estritamente agrícola. Não se verificou tendência à urbanização da produção artesanal antes de 1910; por outro lado, alguns sinais de diferenciação do espaço urbano aparecem no surgimento de

serviços e crescimento comercial. Todos os depósitos, farmácias, livrarias, cafés, lojas, doceiros e todas as casas que tinham jogos de bilhar estavam na área urbana, principalmente na Sede Dante, assim como a maioria dos fotógrafos, relojoeiros, barbeiros e padarias. A década de 90 (ano de 1800), portanto, marca o período em que a ex-colônia já estava povoada e iniciou, lentamente, a formação de um mercado de bens e serviços. O desenvolvimento de uma economia comercial não parece ter sido exatamente uma ruptura com a produção de subsistência, como afirmou Singer, mas antes uma transição vivida em diferentes ritmos por diferentes parcelas da população. Ou seja, a economia de trocas com fins de subsistência da população continuava tendo fundamental importância nesse momento por permitir que grande parte da população alcançasse os meios de vida necessários, já que a economia capitalista de trocas capitalista tinha alcance limitado.

As colocações de dois autores ajudam a aprofundar a questão. Tavares dos Santos (1977) fez uma breve observação sobre o tema, na qual afirma que a interpretação de Singer sobre a produção para subsistência foi feita com base em estudo das colônias alemãs, e que o processo nas colônias italianas pode ter sido diferente:

No caso da Região de Colonização Italiana do RGS, o estabelecimento da colônia já se fez numa época em que o desenvolvimento do comércio no Estado era bastante elevado, razão pela qual creio que desde o início houve a “exportação de excedentes”, não tendo existido a “economia de subsistência”, “economia natural”, como menciona o autor. (p. 73).

Tramontini (1997) também fez uma rápida crítica, tangencial ao seu tema de pesquisa, à visão de Singer, sobre a transição para uma produção mercantil na Colônia São Leopoldo.

Isto é, se verificaria uma mudança “verdadeiramente revolucionária”, a passagem de uma produção de subsistência para uma policultura altamente diversificada em função das necessidades de consumo e com sua técnica de produção rotineira e inalterável, para a produção comercial, com sua dependência de condições econômicas externas. Acreditamos que esta ênfase na ruptura, na

instalação de uma economia monetária, senão capitalista, na Colônia, que não é um enfoque exclusivo de Singer, despreza a continuidade, ou melhor, que a exportação dos excedentes dos produtos agrícolas de subsistência, de artigos transformados, de artesanato, assim como a implantação de uma estrutura comercial, são básicos para a análise da própria Colônia, e de seu sucesso. (p. 340).

As duas afirmações acima traduzem a percepção que este trabalho tem do processo de desenvolvimento de Caxias. A comercialização do excedente ocorreu desde o início da colonização (deve-se lembrar que, diferentemente das colônias alemãs, os italianos tiveram de pagar pela terra); ao mesmo tempo, a produção para subsistência era fundamental para a sobrevivência dos colonos e para a reprodução da própria sociedade que se formava. As características do desenvolvimento de uma produção voltada para o abastecimento local reforçam a interpretação de que o isolamento geográfico e a baixa monetarização protegem o mercado interno que se formava, favorecendo o surgimento de manufaturas que puderam aprimorar seu processo produtivo, voltadas ao mercado local antes de enfrentar a concorrência de regiões mais industrializadas ou de produtos importados. Porém, estar voltada para o mercado local atribui solidez e, ao mesmo tempo, fragilidade a essa economia. Solidez por possibilitar a reprodução da população na localidade com baixos custos, e fragilidade por basear-se em um mercado tão restrito, no qual poucos tinham melhores condições de consumir e de investir. Ou seja, se o mercado interno é fundamental para compreender de que forma os imigrantes tiveram possibilidades de se estabelecer e sobreviver na localidade, por outro lado, não é suficiente para explicar o potencial de crescimento que Caxias apresentou durante as primeiras décadas do século XX.

É necessário analisar o crescimento das atividades comerciais e a integração de Caxias ao mercado regional antes de 1910, quando dependiam de mulas e pesadas rodas de carretas para transportar seus produtos.

Desenvolvimento mercantil em Caxias

Como já foi observado, o âmbito de uma economia (propriamente mercantil) era restrito até a primeira década do século XX, mas se encontrava em expansão. O comércio se desenvolveu com a substituição gradativa de tropas de mulas por carretas, ocorrida na virada do século XIX para o XX. Apesar da velocidade dessa mudança, percebe-se que o processo se concretiza no século XX, pois, em 1899, ainda existiam mais tropas do que carretas fazendo o transporte de mercadorias. Em 1894 existiam 44 carretas em Caxias, enquanto em 1909 essas somavam 237, no mesmo ano em que ainda havia apenas 33 tropas de mulas. A concentração de carretas de propriedade de uma mesma pessoa também aumentou – um único proprietário chegou a ter seis carretas. Isso mostra não só o crescimento do comércio, mas a sua regularidade.

O crescimento do número de casas comerciais acompanhou principalmente o povoamento da região, ou seja, o aumento populacional. Na década de 90 (século XIX) já iniciava timidamente um processo de especialização e concentração, inclusive nos meios de transporte. A proporção de comerciantes com carretas aumentou de menos de 10% no início da década de 90 (século XIX) para quase 40% em 1909, e a dos comerciantes proprietários de mais de uma carreta passou de 1% em 1894 para 20% em 1909. Ou seja, o comércio se concentrava na propriedade dos meios de transporte e no estabelecimento comercial.

O tamanho das casas comerciais aumentou, e as maiores concentravam-se na área urbana. Resumidamente, as maiores casas comerciais vendiam grande diversidade de bens e possuíam grandes e diversificados estoques, ficando suas “dependências” avaliadas em torno de 10 contos de réis. Em 1909, criou-se uma nova classificação para estabelecimentos avaliados em mais de 20 contos de réis, o que revela a concentração de bens nos maiores comerciantes. Assim, ainda que existissem grandes casas de comércio no meio rural e vice-versa, a incipiente urbanização caracterizou-se por centralizar serviços e grandes casas de comércio.

Além das características da produção e do comércio, pôde-se acompanhar algumas trajetórias através de livros de impostos, observando continuidade e mudança de atividades por parte de um mesmo indivíduo. Foi possível concluir que as seguidas mudanças de atividade caracterizavam a dinâmica econômica de muitas famílias. Avaliaram-se

as trajetórias acompanhando os impostos pagos por um mesmo indivíduo e, em alguns casos, também por seus descendentes (quando existiam outras fontes para comprovar o parentesco, como inventários ou bibliografia).

Do total de 1.611 nomes que pagaram impostos sobre algum tipo de atividade produtiva, comercial ou de transporte nos anos de 1894, 1899, 1904 e 1909, apenas 133 (8%) aparecem em todos os anos. Foi analisado esse conjunto de 133 nomes, que são os mais presentes no “mercado” do período, dos quais apenas a quarta parte pagou impostos estritamente sobre a mesma atividade durante todos os anos. Somando esses aos que variaram de atividade, mas permaneceram nos mesmos setores de atividades – de transporte, comercial e/ou produtivo – representavam 73% (97 nomes). Isso mostra que o restante, ou seja, mais de um quarto dos pagantes de impostos diversificaram consideravelmente suas atividades econômicas, atuando de forma, mais ou menos flexível, entre várias atividades comerciais, produtivas ou de transporte ao longo dos 15 anos analisados.

Alguns casos exemplificam a diversidade de trajetórias de indivíduos que começaram como produtores e realizaram depois algum tipo de comércio. Aristides Germani foi proprietário de moinho durante todo o período, e tinha também botequim e casa de pasto com jogos lícitos em 1904, além de uma carreta em 1909; Daniele Benetti tinha ferraria, e em 1904, abriu uma casa de negócio; Amadeu Rossi, que tinha funilaria e cervejaria (1894), montou uma casa de comércio e fechou a cervejaria (1899), abriu uma ourivesaria e uma fundição (1904) e, por fim, montou uma selaria e também pagou impostos sobre exportação para fora do município (1909), quando fechou a funilaria; Giuseppe Eberle possuía funilaria e em 1904 vendia “obras estrangeiras”, ou seja, produtos não-fabricados na sua funilaria; em 1909, o filho Abramo iniciou sua carreira com fundição e ourivesaria com venda de “artigos estrangeiros” e também exportou – ou seja, vendia em Caxias produtos que importava – e também vendia produção própria para fora do município.

Alguns dos que iniciaram com comércio e, posteriormente passaram a se dedicar à manufatura, foram Francisco Balen, proprietário de uma casa de comércio que, em 1909, abriu alfaiataria junto com os filhos; Giovanni Dalpont teve um botequim em 1894, casa de comércio e fábrica de cadeiras em 1899 e, em 1909, também duas carretas; Luigi Soldatelli iniciou com uma casa de comércio e depois diversificou suas atividades

ao longo dos anos: tropa de animais, carreta, “jogos lícitos”, barbaquá, serraria e, além disso, exportou em 1909; Pietro Oldra começou com um botequim em 1894 e logo depois tinha casa de comércio, “jogos lícitos”, serraria, olaria, açougue e carreta; Vittorio Zanela, que iniciou com um botequim, depois foi proprietário de uma padaria e, por fim, de uma fábrica de massas.

Diferentes autores já observaram a importância do capital comercial para o surgimento da indústria, mas é interessante constatar que, entre os 133 nomes que pagaram impostos em todos os anos da amostra, em poucos casos se verifica uma mudança de atividade de comércio para produção manufatureira anteriormente a 1910. Dos comerciantes que passaram a investir na produção mantendo atividade comercial, somente 10% quase não diferem dos produtores que passaram a comercializar (8%). Ou seja, se ocorreu investimento de capital comercial na produção, nesse período, raramente aconteceu através de mudança de atividade por parte de um mesmo indivíduo. A mudança de atividade comercial para produtiva pode ter ocorrido de duas formas: por associação (que não é possível verificar através das fontes consultadas), ou por mudanças que alcançam trajetórias de família (as quais somente poderiam ser percebidas acompanhando essas gerações). Porém, observa-se que, no período analisado, tornar-se um comerciante ensejava um *status* maior do que possuir uma oficina artesanal, pois o próprio capital envolvido nas principais atividades comerciais, assim como as possibilidades de lucro, eram muito maiores.

As trajetórias revelam a pouca permanência da maioria dos nomes na mesma atividade e a significativa diversificação de atividades realizadas por um mesmo indivíduo, ao longo de um curto período (uma década e meia). Assim, dentre os aspectos da economia local, está a rápida circulação dos indivíduos por diferentes atividades – um mercado pouco especializado – e o grande número de pagantes que aparecem apenas em alguns anos da amostra (92%), revela certa instabilidade da economia. Parece plausível afirmar que a “indústria” local se constituía de unidades artesanais voltadas especialmente para o mercado local e, apesar do crescimento, se caracterizava pela constante mudança de ocupação dos imigrantes.

Por outro lado, a possibilidade de os imigrantes variarem suas atividades revela o dinamismo da economia local, capaz de absorver novos e diversificados produtos e serviços. É possível inferir que os imigrantes,

muitas vezes, combinaram, de forma flexível, atividades artesanais e agrícolas no esforço por se estabelecerem com suas famílias na localidade. Desenvolveram-se, desse modo, tanto um mercado de trocas simples quanto um mercado monetarizado, com características capitalistas. Nos setores que passaram a participar regularmente do mercado com outras localidades ou com a capital, ocorreram maiores investimentos, como também maiores comerciantes e donos de moinhos e serrarias.

É importante sublinhar que a variação no número de unidades produtivas parece indicar um crescimento linear e estável, mas que esconde descontinuidades, sucessos e fracassos, diversificação e especialização. Enfim, os esforços de sobrevivência da população eram marcados por muitas tentativas e incertezas, à altura da complexidade e da dificuldade do projeto que, aos poucos, se efetivava naquele território: a colonização. A sociedade em estudo era uma sociedade em formação – em dez anos instalaram-se 13 mil pessoas numa área de quase 83 mil hectares na Colônia Caxias. Foi uma povoação rápida, subvencionada pelo governo, direcionada economicamente e sobretudo à agricultura, que, rapidamente, conformou uma economia diversificada e dinâmica.

Assim, até a primeira década do século XX, não se pode falar em um processo de industrialização na região, embora tenham ocorrido investimentos e alguma concentração de capital no comércio e na produção de madeira e farinhas, além da construção de fábricas têxteis.

A localização de muitos empreendimentos no interior das léguas revela a importância da própria estrutura social, baseada na agricultura familiar, para o tipo de desenvolvimento específico ocorrido na região. A descentralização de diversos tipos de unidades artesanais e manufatureiras mostra a diversificação econômica ocorrida nesse espaço, e o incipiente processo de urbanização se referia, principalmente, a serviços e maiores casas comerciais.

A reduzida quantidade de trabalhadores em oficinas artesanais/manufatureiras e o fato de o número dessas unidades produtivas ter crescido mais no meio rural do que na cidade nos impedem de conceber o início de um processo de proletarianização até 1910. O trabalho nas oficinas pode ser entendido como um trabalho complementar para as economias familiares e não foi o causador, nesse momento, de qualquer tendência de separação do trabalhador do principal meio de garantia de sua subsistência – isto é, a terra. Nesse sentido, considera-se que a análise desenvolvida por Schneider relativa à calçadista no estado, a qual foi

mencionada anteriormente, elaborou instrumentos conceituais que ajudam a compreender a articulação que existe entre o trabalho realizado nas oficinas e o trabalho agrícola em Caxias. Percebe-se que em Caxias havia um baixo custo pelo trabalho, pois os colonos tinham possibilidade de prover sua subsistência mínima produzindo seus próprios alimentos. A constante mudança de atividades indica certa instabilidade econômica, mas, ao mesmo tempo, revela diferentes alternativas de trabalho e renda na economia que se formava na localidade.

Notas

¹ Na dissertação também foi analisada a formação social de Caxias, utilizando como fonte inventários *post-mortem* do período. Desse modo, foi possível analisar características das atividades agrícola e pecuária e as possibilidades de reprodução social dos imigrantes, inclusive dos que trabalhavam na agricultura. Para os fins do presente artigo, porém, serão abordadas apenas atividades não-agrícolas através de livros de impostos, os quais têm a vantagem de permitir formar uma visão abrangente do conjunto das atividades desenvolvidas na localidade. O presente artigo traz um resumo dos dados, da metodologia e da análise. Para um estudo mais aprofundado, veja-se Stormowski (2005, p. 44-86).

² Livros de registro de impostos municipais de Caxias nos anos de 1892, 1894, 1899, 1904 e 1909. Caxias do Sul: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMCS), Código: V. 03.01.05. Parte da legislação orçamentária está manuscrita, e parte foi publicada. *Documentação manuscrita*: Lei de 9 de março de 1893, prevê despesas e orçamento para o exercício do mesmo ano; Lei 3, de 22 de novembro de 1894, prevê despesas e orçamento para o exercício de 1895; Lei 23, de 3 de dezembro de 1898, prevê despesas e orçamento para o exercício de 1899. Código: C.01.01.02. *Documentação impressa*: Lei 47, de 2 de janeiro de 1904, prevê despesas e orçamento para o mesmo ano, em relatório apresentado pelo intendente Alfredo Soares de Abreu ao Conselho Municipal em 15 de novembro de 1903; Lei 8, de 26 de novembro de 1908, prevê despesas e orçamento para o ano de 1909, e m relatório apresentado pelo intendente Vicente Rovea ao Conselho Municipal em 15 de novembro de 1908. Código: R.01.01.06. Caxias do Sul: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMCS).

³ Algumas revisões bibliográficas sobre a industrialização no Rio Grande do Sul também podem ser encontradas em Pesavento (1991, p. 28-31); Lagemann, (1980); Herédia (1997, p. 22-26).

⁴ Somente nos anos de 1920, quando a indústria paulista ampliou seus mercados para outros estados, o autor afirma ter havido uma tendência da indústria gaúcha à especialização, indicando claramente que passava a sofrer com a concorrência de São Paulo.

⁵ “A valorização do ambiente social e econômico local e dos recursos nele disponíveis, como o custo de reprodução da força de trabalho, as condições de interdependência com a economia local, a facilidade de troca de informações com agentes externos e a flexibilidade nos processos produtivos, constitui[ram] a característica *sui generis* dos processos de industrialização difusa.” (SCHNEIDER, 1999, p. 57).

⁶ “A maior parte dos produtos expostos resulta de um beneficiamento simples da matéria-prima local e se encontram disseminados pelo interior, principalmente na área de colonização alemã. Não fazem qualquer referência à utilização de força-motriz ou aos operários, descrevendo, apenas, os produtos. Alguns estabelecimentos são destacados pela maior elaboração de seus produtos, pela utilização de operários e pelo emprego de máquinas a vapor. É contudo freqüente que se identifique o nome do produtor direto, destacando a sua habilidade técnica.” (PESAVENTO, 1991, p. 72).

⁷ Os dados do ano de 1892 não espelham toda a realidade das unidades produtivas existentes então, pois o livro de impostos desse ano inicia somente em agosto; porém, não existiu outro livro anterior a esse, listado como primeiro. Diante do reduzido número

de estabelecimentos em relação a anos posteriores, em todas as atividades produtivas e comerciais, aumenta a dúvida sobre a integridade dos dados desse ano.

⁸ “O barbaquá, um sistema que elimina o contato das folhas de mate com a fumaça e que substitui o carijo, apenas passou a ser usado com certa regularidade no século XX, apesar de ser conhecido no Paraná desde a década de 1860. Esse melhoramento técnico foi fruto de comerciantes e proprietários de engenho que passaram a comprar o mate na sua forma natural. [...] O barbaquá, uma instalação mais sofisticada, exige certo capital, não pode ser construído nas mesmas proporções”. (ZARTH, 1997, p. 125).

⁹ O setor de têxteis e teares não é mencionado na legislação e, portanto, não pagou impostos, mas, apesar de estarem entre os principais produtos importados, existiram ao menos duas fábricas têxteis em Caxias antes de 1910. Em 1899 foi fundada, na Sede Dante, a Tecelagem Nossa Senhora de Pompéia por Giuseppe Panceri, ex-operário

têxtil em Milão, que contou com mão-de-obra familiar para tocar a produção. (HERÉDIA, 1997, p. 78). Em 1909 essa tecelagem mudou de nome para Tecelagem Panceri e produzia tecidos de seda, linho e algodão usando teares feitos pelo próprio Panceri, que copiou o modelo da fábrica de tecidos Rheingantz, de Rio Grande. (MACHADO, 1998, p. 66). Outra fábrica existia na Quinta Léguas, chamada inicialmente *Tevere* e posteriormente Companhia de Tecidos de Lã de Hércules Galó (atualmente a fábrica chama-se Lanifício São Pedro). Essa fábrica deu origem ao bairro operário de Galópolis, e ainda no final do século XIX um conjunto de casas foi erguido nas proximidades do lanifício, configurando uma diferenciação daquele espaço rural. O lanifício de Galópolis contou com o trabalho de famílias dos sócios e iniciou com algumas máquinas, produzindo para o mercado da região colonial, principalmente para Caxias e também Porto Alegre. (HERÉDIA, 1997, p. 78).

Referências

- ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul*. Caxias do Sul: Paulinas, 1971.
- GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. *Casas de negócio: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional*. Caxias do Sul: Educus, 2001.
- GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do Littorio*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.
- _____. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educus, 1977.
- HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Processo de industrialização da Zona Colonial Italiana*. Caxias do Sul: Educus, 1997.
- LAGEMANN, Eugênio. Imigração e industrialização. In: DACANAL, José Hildebrando (Org.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- MACHADO, Maria Abel. *Mulheres sem rosto: operárias de Caxias do Sul/1900-1950*. Caxias do Sul: Maneco, 1998.
- OLIVEIRA, Franklin de. *Rio Grande do Sul: um novo Nordeste*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- OSÓRIO, Ivan Dall'Ignia; RAMOS, José Hugo. *Rio Grande do Sul: industrialização posta à prova*. Porto Alegre: MEC/UFRGS, 1969, p. 47. Mimeo.
- PESAVENTO, Sandra Jatay. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba: Riocell, 1985.
- _____. *Os industriais da República*. Porto Alegre: IEL/Mercado Aberto, 1991.
- PICCOLO, Helga I. L. Transformações socioeconômicas em São Leopoldo (1824-1899). In: REUNIÃO DA SBPH, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: SBPH, 1991.
- RECH, Roberto F. *Levantamento do loteamento da Colônia Caxias: fase colonial: 1875-1884*. Caxias do Sul: Educus, 1984.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SÁ, Mem de. Aspectos econômicos da colonização italiana do Rio Grande do Sul. *Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1950.
- SANTOS, José Vicente Tavares dos. *Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. 1977. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – USP, São Paulo, 1977.
- SCHNEIDER, Sérgio. *Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.
- SINGER, Paul I. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. São Paulo: Editora Nacional/USP, 1968.
- STORMOWSKI, Marcia Sanocki. *Crescimento econômico e desigualdade social: o caso da ex-Colônia Caxias (1875-1910)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- TEJO, Limeira. A indústria rio-grandense em função da economia nacional. *Estatística Industrial do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1939.
- TRAMONTINI, Marcos Justo. *A colônia de São Leopoldo: a organização social dos imigrantes na fase pioneira (1824-1850)*. 1977. Tese (Doutorado em História) – PUC, Porto Alegre, 1997.
- WEBER, Regina. *Os incícios da industrialização em Ijuí*. Ijuí: Unijuí, 1987.
- ZARTH, Paulo Afonso. *História agrária do Planalto gaúcho 1850-1920*. Ijuí: Unijuí, 1997.